

NARCÓTICOS ANÔNIMOS: RELAÇÃO COM AS DROGAS COMO UMA DOENÇA SÓCIO-CULTURAL.

AUTOR: Tatiane Vieira Barros

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

AGÊNCIA DE FOMENTO: CNPq

OBJETIVOS E OBJETOS: O Narcóticos Anônimos (NA) é uma associação comunitária de adictos à drogas em recuperação. O grupo tem um papel de irmandade e serve como um espaço de troca de experiências que ajuda os adictos a encarar a doença – aquilo que se apresenta como um “desvio” ao “padrão” da sociedade. Assim a adicção, que apresenta um significado bastante subjetivo dentro do mundo das drogas e da lei, pode ser vista como dependência fisiológica, psicológica, problemas comportamentais, morais e de interação social. Portanto, este trabalho foi realizado com o objetivo de analisar os grupos de ajuda mútua na prática, de perceber todas as relações entre o indivíduo e o processo de estigma vivido. Vendo como o capital simbólico, nesse caso a partir da noção de expertise, interfere nos indivíduos, estes, quando sob efeito de um “desvio” e como isso reflete nas relações sociais. Assim este trabalho faz uma análise do grupo Narcóticos Anônimos de Natal/RN. Pensando na perspectiva que os adictos em recuperação são estigmatizados socialmente e como a identificação com o ambiente, o grupo, as normas e a rotina se tornam importantes no desenrolar de reestruturação da vida de todos no NA.

METODOLOGIA: Dentro da bibliografia estudada foi focado a questão do estigma (GOFFMAN, 1963) que o “desvio” proporciona na interação de cada grupo, e como isso interfere nas relações sociais, passando a apontar como um conflito. Então, foi feito um reconhecimento do campo de estudo, onde dentre diversos outros tipos de grupo de ajuda mútua, o Narcóticos Anônimos foi o mais interessante ao mesmo que viável. Portanto, a partir de observações das reuniões e do uso das bibliografias, bem como do site do grupo e de panfletos por eles usados, pôde-se fazer uma análise de como o grupo de ajuda mútua participa do processo entre, neste caso, adictos em recuperação e o seu retorno ao convívio “normal” com a sociedade.

RESULTADOS: Podemos pensar a relação com as drogas – que é vista como doença – como uma questão cultural; de forma que a construção dos valores e a carreira moral interferem no que é “normal” e no que é “desvio”. Portanto a cultura juntamente com os valores sociais se comportam como modelador do estigma e acabam norteando as necessidades dos grupos de ajuda mútua. Sendo que este aparecem como saídas para aqueles que querem continuar vivendo em sociedade e não se isolar de tudo e todos como uma forma de se proteger, ou dar proteção. Os grupos são fortalecedores da auto-afirmação, auto-controle e construção de uma consciência coletiva frente à doença. Esta que é vista por mais como uma questão social e criminal, simplesmente por estar relacionada à subversão das leis.

BIBLIOGRAFIA: ADAM, Philippe e HERZLICH, Claudine. *A experiência da doença em todos os lugares da vida social*. In: Sociologia da doença e da medicina, Bauru, EDUSC. 2001

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 8ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2005.

FOUCAULT, Michel. *Soberania e disciplina*. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal. 1979.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a identidade deteriorada. 1963

SIMMEL, Georg. O nível social e o nível individual. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro, Zahar editores. 2006.